

O Castanheirense

Fundador: DR. JOSÉ FERNANDES DE CARVALHO

AVENÇA

Jornal Regionalista—Por Castanheira de Pêra e Região

ANO IX	Redacção, Administração e Oficinas Castanheira de Pêra—Telefone 16	Director e Editor: Adriano José Sebastião Coelho	Propriedade das Of. Gráficas da Ribeira de Pêra, L.da Chefe da Redacção: António Maria Saraiva	N.º 290
-----------	-----------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------	------------

Regionalismo e Realidades

por EDUARDO GARRIDO

Algo se tem debatido nos últimos tempos êste atraente tema do Regionalismo, talvez porque no coração do homem existe sempre um lugar especial, um cantinho reservado para o lugar onde nasceu, para o lugar onde decorreu essa quadra da vida em geral alegre e buliçosa, feliz e descuidada, a que se dá o nome de infância.

Essa quadra da nossa idade deixa para sempre, realmente, recordações impresecíveis, imorredoiras, recordações que, por um fenómeno mnésico, cada vez mais se robustecem, se avigoram e enraizam em vez de se diluírem ou desaparecerem com o decorrer dos anos.

O cenário, o ambiente que nos envolveu a meninice, fixou-se para sempre no fundo das nossas almas, como se fixam as imagens retidas na câmara escura do invento de Lumière até se projectarem na luminosidade dum écran como um écran também, é grato aos olhos dos homens, de quando em quando, fazer perpassar, reviver, sentir, êsse mesmo cenário e êsse mesmo ambiente, desde a conhecida verdura dos vales e da aspereza das montanhas e serranias em dilatados horizontes até às pequeninas coisas e aos minimos pormenores.

Os campos, a paisagem, a água que bebemos, o ar que respiramos, a família, o lar, tradições populares, usos e costumes, enfim, todo um completo mundo de sensações as mais diversas e variadas entra, portanto, na formação dêsse sentimento que pretendemos definir e que se chama Regionalismo. Esse mundo peculiar a cada pessoa, por mais distantes ou diferentes que sejam as suas ocupações, assume a nossos olhos uma feição profundamente humana na riqueza imensa das suas múltiplas tonalidades.

Desenfastia e desmonotiza. Nêle assenta êste regionalismo a que nos referimos, circunscrito aos indivíduos duma determinada área com características geográficas e étnicas próprias, bem distintas.

A' semelhança das plantas e do arvoredo dessa mesma região não pode ser transplantado, porque já também ganhou raízes mais ou menos profundas, as quais mergulharam nas suas camadas subterrâneas delas extraindo o suco que as avigora e alenta, só delas exclusivamente vivendo.

Este regionalismo, quando é assim verdadeiro, possui uma vontade própria; pensa, sente e quer; tem autonomia.

Aqueles que o professam, vivem-no, sentem-no, integram-se nêle com a austera gravidade dos homens fortes e de boa vontade que um ideal ilumina e aquece; são capazes de todos os sacrificios, de todas as canseiras, para que os seus esforços se transformem em Progresso e bem estar das populações; arrastarão com todos os trabalhos e obstáculos para que uma ideia boa, fecunda e generosa, vá avante e tenha pleno êxito; farão mais alguma coisa do que cantar belezas naturais, quando as cantam, ou erguer hossanas e loas aos seus maiores mais destacados; quando se inaugura a estrada ou a fonte ou a ponte ou a escola rejubilam intimamente, verdadeiramente. Sentem-se, sem dúvida, embalados pela Natureza que lhes serviu de berço, deleitam-se e sonham; mas não se petrificam ensimesmados numa contemplação alvar e estéril. porque eles sabem e reconheceram já há muito que essa atitude, tal como acontece com o amor platónico, é infecunda; nada poderá produzir.

Conhecem as realidades e estas são, como se sabe, mais, muito mais prozaicas. Por isso, talvez, encontram-se a cada instante e com tal frequência que acabam por se tornar despercebidas, infelizmente. Enumeraremos algumas, pondo em foco aquelas que mais sollicitam as nossas qualidades de observação, inteligência e de humanidade, ao mesmo tempo que envolvem problemas de justiça, de equilíbrio, de harmonia, de progresso, autênticos problemas de autêntico regionalismo.

E' percorrer a maioria das nossas povoações rurais e notar a inconcebível deficiência do nível de vida do nosso camponês instalado em habitações arcaicas, quasi primitivas, onde quasi e proibida a entrada do ar, da luz e do sol. Em certas aldeias, a cal é mesmo um elemento desconhecido e, cá fora as ruas são pavimentadas de mato, de estrume, constituindo autênticas choças, verdadeiros depósitos de

(Continua na segunda página)

OS PROBLEMAS

de transcendência social

Por R. LARANJEIRA

Procurámos definir claramente os espectáculos que constantemente a Humanidade representa, sem colidir com a elevada missão que a censura tem de exercer na expansão do pensamento.

Afirmam os idealistas que o homem da actualidade, vive em desastroso estado de civilização e, justificando a realidade da acersão que corre mundo, apresenta-se quadros de miséria que comovem, moral e materialmente, juntando-lhe a doença, o vício, que actualmente é uma degeneração colectiva.

Só circulam queixumes a lamentar a decadencia da Raça e a verdade, é que ninguém vem a ouvi-los a providenciar...

Dentro de todas as religiões que conquistam a consciencia do homem, qual delas se apresentou a redimir a humanidade do seu erro, mesmo junto daqueles que formaram nos exércitos em luta pela Europa.

A ciência apregôa dia a dia os seus progressos, alardeando as descobertas que chegam junto da celebridade, sem colidir na marcha da industria e do comércio que ocupam especial campo de acção.

Aonde chegará a humanidade neste caminhar...

Competirá á Ciência, á Religião ou á Filosofia, impor as normas pelas quais terá de reger-se a Humanidade, entrando na elevação de sentimentos e viver dentro da fraternidade?

Eis o complicado problema a resolver no campo social, filosofico, mesmo científico. Só dentro desta organização, poderão estabelecer-se as sociedades ordenadas no seu viver após a guerra finalmente terminada.

E' êste o grande problema a resolver em nome dessa Fraternidade que, desde séculos a nossos dias, sendo uma vã palavra apregoadá pelos homens do convencionalismo, a limitam ao preenchimento de espaço nos Dicionários.

Apregoadá-se que a humanidade gosará melhor viver dentro da apregoadá reconstrução mundial como resposta á tortura da guerra, afirmam os sociólogos que nos dirigem na actualidade, entrará a humanidade na organização que o Mundo reclama, terminando definitivamente o caos social que a guerra de ambições criou aos povos.

Notáveis clínicos de variadas especialidades, propagando o Naturismo, discutem-o, apresentando esse sistema de alimentação transcendencia social, unico do qual depende o revigoramento da raça.

M. Cespédes, versando o problema em Revista «Natura» afirma ser este, precisamente, o que há a resolver.

Crendo que o Naturismo é o Evangelho salvador dêsse Século, porquanto é uma Doutrina com fundamentos científicos e filosoficos irrefutáveis, considera que êle será o cimento sólido sôbre o qual terá de assentar a organização da futura Sociedade.

Porque o Naturismo demonstra de forma iniludível que o Homem desde que se desviou do cumprimento das leis Imutáveis da Natureza, no que respeita em especial, á sua alimentação bucal, pulmonar e cutânea, degenerou o seu estado biológico, ocasionando como sequencia lógica as enfermidades tanto fisicas como psiquicas que, por sua vez, provocam a desorganização da sociedade, o encarecimento da vida e todo o caos sociológico em que actualmente o mundo vive.

O Naturismo suprime radicalmente a causa dessa degeneração impondo ao individuo o cumprimento da Lei Natural!

E pergunta ao leitor como?

Em sua opinião, que será devidamente apreciada, diz: Ensinando a viver uma vida simples e higienica; isto é, a que o seu organismo se vitalize: ar puro a seus pulmões, Agua, Luz, e Sol á pele, Alimentos Vegetais ao seu estômago. E assim se consegue transformar as condições fisicas e morais do individuo, tornando-o mais forte para o trabalho e mais perseverante em todo o esforço fazendo-o também melhor, mais inteligente e mais generoso pela super-abundância de vida que nêle se desenvolve em contacto com a Natureza, condições estas ótimas para a evolução e transformação da Sociedade.

No pensamento de M. Cespédes, quando os homens de ciências, especialmente os Médicos, compreenderem as simples verdades que o Naturismo encerra, a solução dos problemas que hoje semeiam ódios e dividem os homens encontrar-se-á, e a Humanidade entrará em nova era de progresso que se caracterizará pelo reinado da Justiça nas suas relações económico-sociais.

Diante da tremenda batalha em que se embrenhou o talentoso escritor Márcio Leal, lutando incessantemente para enraizar pela propaganda, em que colaboram notáveis cientistas uns, literatos quantos, no espirito do povo o naturismo, seria de máxima utilidade pronunciarem-se as Notabilidades médicas que conhecemos dentro da Provincia do rico Alentejo, discutindo esta Doutrina nas colunas de seu pretigioso e quiçã categorizado jornal «Democracia do Sul». Prestariam relevante serviço á Assistência Social e saúde pública.

Castanhas... da Castanheira

Regionalismo e Realidades

(Continuação da 1.ª página)

tôda a espécie de dejectos e imundícies. No entanto, há ainda quem ache isto pitoresco e até poético. Tal opinião não deve ser e não é com certeza a dos amantes da hygiene e do Progresso.

Algumas destas habitações possuem apenas dois compartimentos: um que serve de cozinha e outro destinado simultaneamente às refeições, a quarto de dormir e sala. Nêle dorme em completa promiscuidade tôda a família, novos e velhos, crianças e adultos.

Pelas frinchas do soalho, sujo e esburacado, passam os grunhidos dos suínos e um vapor pestilencial, nauseabundo, sob das lojas, tudo impregnando, desde o ar que se respira às paredes enegrecidas onde um barro antigo é amarelento se esboroa aos poucos. Pelas fendas do telhado, nas frias noites de inverno, o vento assobia e entôa a sua melopeia lúgubre, regelando os corpos que tiritam sob as pobres mantas roídas e esburacadas. De verão, exala-se dos pateos e das estrumeiras um odor fétido que se torna quasi insuportável. Eis o quadro que se nos depara em grande número das nossas povoações rústicas.

Oh! Que beleza a do campo! Que bons ares! E o pôr do sol?! E os aldeões regressando a casa, contentes e felizes, depois de um dia de trabalho, suor e canseiras?!
A falta de instrução, revelando-se ainda hoje em credices e magias tenebrosas, algumas vezes de fatais conseqüências, é outro dos aspectos impressionantes que mais de perto nos chocam e enche a alma de desolação.

Contudo, há quem ache isto muito natural e até quem se ria daquele alarve campesino que nem sequer sabe falar. Todavia, é êle quem cava a terra e a ela lança a semente que a tornará úbere; é êle que põe a vinha e planta o bacelo; é êle que revolve o solo e o faz desentranhar-se em pão; e êle, finalmente, que engata a bêsta ao carro e parte a abastecer os mercados onde todos vão regatear os gêneros necessários e indispensáveis à geral subsistência.

A habitação, a instrução, a hygiene, os meios de comunicação, a melhoria das condições de vida, são, portanto, problemas cuja resolução se impõe para esta gente boa, desconhecadora, simples e humilde, como a humilde grama dos caminhos.

Eis as realidades nuas e cruas, tão fáceis de topar como um pedregulho impedindo a passagem no meio dum caminho.

Todavia, nos jornais regionalistas, como o nosso «Castanheirense» e quejandos e até noutros de grande e diária categoria, é freqüente ler-se que na casa da Comarca de tal, etc., por exemplo, houve uma formidabilíssima sessão solene, onde diversos oradores tiveram «afirmações de alto sentido regionalista», sendo sempre no fim muito aplaudidos por uma assistência selecta, entusiasmada, boquiaberta e quasi de lágrima ao canto do ôlho.

Aí, seus valentes!

O Regionalismo, realmente, não é uma palavra sã.

Um filme às direitas

Moralizador, espirituoso e, sobretudo muito realista, «Um homem às direitas» é, na verdade, um filme às direitas. E há para aí tanta gentinha torta, santo Deus!...

O campismo "à serra"

Bravo! Fala-se em campismo. E campismo moço! E' pena não haver, para êste salutar desporto, um bom número de «macacos de imitação». E, pelos vistos, é campismo do e na Serra! Pena, também, não haver mais Serras, por aqui. Só um... a!

«Olha a marcha do Benfical»

Passou por esta vila a anunciada caravana benfiquista. Chegada antecipada e não contada. Foi ao lusco fusco. Sobremesa sem jantar, jantar e nova sobremesa. O Bem... fica, com qualquer coisa Fica... Bem! Mais tarde iniciou-se a verdadeira marcha com a verdadeira caravana. Destino: Parque «Mayer», «Coboiadas», como de costume. Nota sensacional: caiu uma «bomba atômica» no lago. Não «explodiu» porque estava molhada, por fora e por dentro. Saltou depois... para secar. Mas, estragos fê-los, pobre M. COITADINHO! A dois deu-lhes para andar às bicadas como galianceos. Mas que bicos! Dois «cavaram», um porque tinha medo de ir à serra, o outro porque já esgotara a «lábila» tôda. O LID...ador tanto lidou que saiu da refrega ou refreca, refrescado e livido. Os restantes discretos mas também «apaixonados»! Dêstes um não houve maneira de começar a fumar, o outro teve remorsos de «provocar» a «bomba atômica». Para assinar o ponto, faltaram dois, dois êsses que veriam quatro... se entrassem na caravana. Enfim! O Benfical, por onde passa, deixa ficar tudo bem... «ficado»!

Esse à Esse

DR. ERNESTO MARRECA DAVID

Para a Figueira da Foz, seguiu já há dias êste nosso particular amigo e conterrâneo, que se fazia acompanhar de sua Ex.^{ma} Espôsa e filhinha.

Imprensa

Completo há dias o 20.º aniversário o nosso presado colega e visinho A Regeneração, que se publica em Figueiró dos Vinhos e do qual é dig.^{mo} director o ex.^{mo} sr. dr. Manuel Simões Barreiros.

Reconhecendo o sacrifício e trabalho de 20 anos, cumpre-nos o dever de apresentar na pessoa do seu ilustre Director, os nossos sinceros parabens, a todos quantos ali trabalham, desejando ao mesmo tempo uma longa vida.

Figueiró dos Vinhos

No dia 20 do corrente, foi reaberto nesta vila o Pôsto da G. N. R.; o qual se encontrava suspenso, vindo assim a representar um grande melhoramento.

As instalações para o aquartelamento, foram devidamente aprovadas por quem de direito, oferecendo as mesmas as melhores condições.

A' reinstalação, vieram assistir os srs. Capitão António Paula Santos e Tenente Alberto Moraes, respectivamente Comandantes da Companhia da G. N. R. de Leiria e Pôsto da G. N. R. de Pombal.

Da parte de Figueiró dos Vinhos, estiveram presentes os srs. dr. Manuel Simões Barreiros, digno Presidente da Câmara Municipal, Tenente Carlos Rodrigues Manata, Vice-Presidente e Políbio F. das Neves, Chefe da Secretaria.

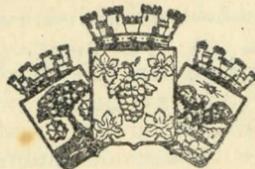
A guarnição ficou assim constituída:

José Carvalho Folgado, 1.º cabo; Manuel V. Gonçalves, Marcelino S. Alves, José de Bastos, João A. Maio, Acácio P. da Silva, António Luiz e Alberto N. Ferreira, êstes soldados, pertencentes todos à 3.ª C.ª do 2.º Batalhão da G. N. R.

Anunciar em

O CASTANHEIRENSE

é contar com êxito certo.



Grémio da Lavoura

Este organismo, defensor dos interesses da Lavoura, comunica o seguinte:

— Os produtores de trigo para semente manifestado em 1944, podem desde já receber o bónos que lhes foi atribuído.

— Os manifestos da produção de 1945 de trigo, centeio, cevada e milho desde já podem ser feitos na sede do Grémio e nas Casas de Lavoura de Castanheira de Pêra e Pedrógão Grande. Os associados das freguesias da Graça e de Vila Faciaia devem fazer o seu manifesto na sede do Grémio.

A Renovadora

Oficina de Reparações e Reconstruções em todo o sistema de máquinas de escrever, somar, calcular e registadoras, etc.

Pessoal competente

MAIS DE 30 ANOS DE PRÁTICA
Garantimos todas as reparações

Sortido especial de acessórios para escritório

Oferece aos seus conterrâneos Castanheirenses os seus serviços em LISBOA na Rua do Arco Marquês do Alegrete, 78-4.º
Telefone 20370 P. F.



Era esta uma das antigas secções dêste jornal, mesmo antes daquelle artigo de fundo que tratava da possível instalação de um campo de aviação nas visinhanças desta vila. Pareceu, então tal ideia, uma blague. Mas a verdade é que, presentemente, tudo justifica que o não é e que as forças vivas do concelho devem procurar tratar dêste assunto com certo carinho, se quiserem, no amanhã que se aproxima, terem garantidos os indispensáveis meios de transporte para conseguir um maior e melhor desenvolvimento do concelho e seus interesses. Porque o assunto, não somente local, mas nacional e até mundial, se nos afigura de certo interesse, a secção revive desde êste número e nela passaremos a dar informações de tudo quanto, sobre aviação, tenhamos conhecimento.

A linha Lisboa-Pôrto

No mês de Outubro, conforme foi noticiado já, deve principiar a funcionar a carreira Lisboa-Pôrto, da Companhia de Transportes Aereos, para a qual chegarão, em breve os aviões encomendados em Inglaterra.

Linha Paris-Lisboa-Estados- Unidos

Quanto á linha do «A. T. C.»— Paris-Lisboa - Estados - Unidos, via Açores, utilizada no repatriamento de fôrças do Exército norte-americano, embora sem confirmação official, parece que continuará com características diferentes.

Linha Lisboa-Paris

Por outro lado, também a Aero-Portuguesa tem em estudo o estabelecimento da linha Lisboa-Paris, em colaboração com a «Air-France», tendo o comandante Judice de Vasconcelos estado em França a tratar do assunto.

Linha Nova York-Lisboa-Marselha

A «Pan Americana» deve iniciar, em Outubro próximo, a sua nova carreira Nova York-Lisboa-Marselha, com escala por Santa Maria e «terminus» no aeropôrto da Portela de Sacavem.

A «P. A. A.» utilizará quadrimotores, segundo parece, do tipo dos «Skymasters», na carreira, que será diária, para o transporte de carga e passageiros.

Campos de Aviação

Devido à esplêndida acção do Secretariado Nacional da Aviação Civil, no nosso país está a tomar certo incremento e dentro em pouco tudo leva a crer que o país fique dotado com os indispensáveis campos de aterragem.

Há pouco foi inaugurado o de Mirandela, o do Pôrto está em franca actividade e dentro em pouco deve estar pronto e para o nosso principal aeropôrto, o da Portela de Sacavem, o Estado acaba de conceder a verba de 3.000 contos para o seu alargamento, tornando um dos primeiros da Europa e ao qual está reservado esplêndido futuro, mercê nas condições que Lisboa apresenta como extremo da Europa em ligação com as Américas.

Da necessidade de cinema De Aljubarrota

Por A. FURTADO BORGES

à Restauração

(Continuação do número anterior)

O cinema tornou-se uma necessidade social. 30 milhões de indivíduos assistem por dia á exhibição de filmes. No entanto, poucos vêem as extraordinárias possibilidades, a importância que o cinema tem para a humanidade.

Nos últimos 150 anos viu-se nascer na multidão a necessidade de se distrair, de se informar, de se cultivar. Os meios técnicos como jornais, livros, teatro, fotografias, gramofone, etc. são destronados, nos fins do século passado, por um invento que acabava de surgir—o cinema. O filme dispunha de meios de encantamento poderosos, prendia mais a atenção da multidão que um discurso ou a leitura de um jornal. Torna-se o espectáculo favorito. E', também o mais barato.

O cinema faz parte da nossa existência quotidiana—escreveu A. Keim. Esta frase traduz bem a importância que o cinema tem para nós, a influência incontestável que tem sobre a nossa maneira de pensar e viver.

O meio mais poderoso para a difusão do pensamento humano é, incontestavelmente, o cinema. O mais poderoso jornal, o livro mais traduzido, a propria telefonia estão longe de alcançar o prestígio e a popularidade do cinema. O número de pessoas que vêem um filme mediocre é, no entanto, superior ao número de leitores de qualquer jornal ou livro ou ouvintes de qualquer programa de rádio. Como espectáculo, o cinema bate todos os restantes por considerável diferença.

Embora tenham sido apresentadas muitas obras de excepcional categoria, obras que, nos mais diversos domínios, aumentaram os nossos conhecimentos sobre o Universo e sobre os homens, o cinema não convenceu ainda todos os espiritos. Muita gente considera-o, hoje mesmo, uma distracção neles, um espectáculo para os que não têm nada para fazer. O cinema

prejudica, ensina maus vícios—dizem.

O cinema educa—dizemos nós. Um homem na provincia, deixa a escola aos 12 anos, pouco lê e apenas vai, de vez em quando, até á cidade ou vila mais próxima. Dos diversos países e dos seus habitantes ele tem uma singular e obscura representação. Contudo, da América, principalmente, conhece o país, conhece o modo de agir de um povo diferente do seu, conhece um pouco da sua história.

O cinema é o instrumento mais recente de desenvolvimento intelectual das massas—disse Alberto Consiglio.

Poucos domínios se fecham á actividade do cinema. Na difusão da cultura, as suas possibilidades são espantosas—reportagens e documentários reais, auxiliar precioso das investigações científicas, complemento indispensável do ensino nas escolas, meio de propaganda poderoso, realizador de obras de ficção impossíveis em literatura ou teatro, etc. O cinema sintetiza magicamente todas as demais fórmulas estéticas. Serve-se da fotografia para dar o volume e a linha, da literatura para conceber os conflitos, dramatizá-los, humanizá-los, da palavra para convencer, da música para emocionar, da pintura para embelezar.

Usa-se hoje o cinema para medir a velocidade e o espaço, para decompor o movimento, para divulgar teorias políticas, sociais e económicas, para divulgar todos os ramos da ciência, para explorar os recantos mais desconhecidos da Terra, para fixar acontecimentos de História, para arrancar lágrimas ou gargalhadas, para dar possibilidades á humanidade de experimentar novas alegrias e melhor conhecer os Homens, e, também, . . . para ensinar a ler. «Desenvolvendo e difundindo a cultura, colocando-se ao serviço das causas justas e das idéias sãs, o cinema deve contribuir para a felicidade do mundo».

Tal era a fisionomia do Estado Português quando, assente a paz entre nós e os castelhanos, não se conformando a mocidade lusa com o viver pacato de que a guerra da Independência nacional a desabituará começou a padecer de nostalgia de combates, ardendo em desejos de torneios positivos.

Eis-lhe oportuno retrato, pincelado, fulgidamente, pelo génio de Camões:

«Não soffre o peito forte, usado á guerra,
«Não ter inimigo já a quem faça dano,
«E assim, não tendo a quem vencer na terra,
«Vai commetter as ondas do Oceano.
«Este é o primeiro Rei que se desterra
«Da pátria, por fazer que o Africano
«Conheça pelas armas quanto excede
«A lei de Christo á lei de Mafamede.

«Eis mil nadantes aves, pelo argento
«Da furiosa Thetis inquieta,
«Abrindo as pandas azas vão ao vento
«Para onde Alcides poz a extrema meta,
«O monte Abyla e o nobre fundamento
«De Ceita toma, e o torpe Mahometa
«Deita fóra e segura toda Hespanha
«Da Juliana, má desleal manha.

O que sucedêra? Os filhos mais velhos de João I.º, Duarte, Pedro e Henrique, também com o sangue na guelra, fizeram-se eco dos mesmos desejos que outrossim alimentavam, junto do querido progenitor, com insistência tanta, «que nunca o deixavam haver nenhum repouso, como eram acerca d'ele», na linguagem do insigne cronista Gomes Eannes de Azurara, cap. XI.º da sua interessante obra consagrada a Ceuta.

No dia 21 de Agosto de 1415, dois lapsos de tempo iguais cada um a quinze anos, em dois distintos séculos e mais sete dias, após Aljubarrota, essa velha fortalêsa de Africa nortenha deixou de pertencer aos maometanos, caindo em poder de atacantes que procediam daquem Mediterraneo, em tira peninsular do ocidente europeu.

João I.º, cedendo á mocidade irrequieta que o atenazava de continuo, sem o deixar repousar, como se lê na *Crónica* por Azurara, não emprendera, de léve ou sobre o joelho, o cometimento arrojado, mas seguro de todos os pormenores imagináveis, com todas as previsões e cautelas bem como de todas as prudentes reservas indispensáveis aos seus designios.

E só assim triunfou, brilhantemente, como império triunfara trinta anos antes, para confirmar pela vitória estrondosa a escolha que dele fizera o povo de Lisboa.

Em Ceuta dominada, sabemos nós e não o ignora o mundo, não o omitem os preclaros registos de História, ateou-se dentro do cráneo de um dos expedicionários o fogo vivo que unicamente a morte apagara. Era o além desconhecido, completo levantamento de dúvida desesperadoras, o devassar dos segredos e mistérios dos mares, rasgar definitivo de todos os veus ocultando linhas de horizontes!

Esse cráneo singular tinha possuidor Henrique, destemido soldado na expugnação de Ceuta, assim definido por estudioso Académico em elaboração ainda valiosa (José Soares da Silva — *Memória para a História de Portugal que compreendem o Govêno Delrey D.º I, tomo 1.º, pag. 469 — Lisboa 1730*): «Não se satisfazendo a sua heroicidade com as vitórias de tantas gentes, com as conquistas de tantas Praças, depois de amedrontada a terra, quiz ser terror do mar depois de pizada, e vencida essoutra parte do Mundo, a adusta Africa, quiz dar ao mesmo mundo mais domínios em tantos descobrimentos, quantos então admirou, e hoje ainda conserva, como padrões dos seus triunfos, o mesmo Oceano.

F. NORONHA

(Continúa no próximo número)

João Jorge Felizardo

Encontra-se já entre nós o sr. João Jorge Felizardo, chefe da estação dos C. T. T. desta vila.

Por motivo de doença esteve este senhor afastado do nosso convívio cerca de três anos. Folgamos pelo seu completo restabelecimento.

Reassumiu hoje as suas funções na estação desta vila, desejando-lhe tôdas as prosperidades de que é merecedor.

Vai a Lisboa?

Hospede-se na PENSÃO CASTANHEIRENSE, junto á Igreja de S. Domingos, a mais central de Lisboa

Luxuosamente ampliada, com esplêndidos quartos. Optimo serviço de mesa e a preços acessíveis. Máxima seriedade

Rua dos Correios, 264, 2.º dt.º e Esq. — Telef. 28454 em todos os andares

CASA DOS LINHOS

TEIXEIRA DE ABREU & C.ª, L.ª
32, 33, 34—Largo 28 de Maio
35, 36, 37—GUIMARÃIS

Fabrico especial de panos de linho, atalhados, panos de algodão colchas e bordados regionais

PREMIADO NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

Tão certo como

1 e 2 serem 3



Torná-lo-emos rápida e economicamente GUARDA-LIVROS se seguir os nossos modernos cursos por correspondência. Peça folhetos grátis ao

INSTITUTO-LUSO-BRASILEIRO DE COMÉRCIO

Avenida Dr. Manuel Laranjeira, 12. 1.º PORTO

N. B.: Não nos remeta dinheiro para sêlos.

PENSÃO FAMILIAR

Telefone 13

Almoços, Jantares, Pensão completa
Água corrente, Casa de banho

Eduardo Silva
CASTANHEIRA DE PÊRA

Instrução Primária

Livros para a 1.ª e 2.ª classes autorizados pelo Ministério da Educação Nacional.

Livro único

VENDE em Castanheira de Pêra

José Coelho Júnior

Oficina Mecânica

DE MÁRMORES E CANTARIAS

Casa fundada em 1 de Janeiro de 1920

— DE —

Aparicio Cardoso

Rua Voluntários da República, 56 TOMAR Telefone N.º 90

Encarrega-se de jazigos, campas, mausoleus, pedras para móveis e balções, frentes para estabelecimentos, cantarias para obras e todos os serviços que digam respeito á sua arte.

Enviem-se desenhos e orçamentos a quem os solicitar

Agente em Castanheira de Pêra e Região

José Coelho Júnior

ALBERTO Lopes

Rua Duque da Terceira, 123—Telefone 4401

PORTO

Maquinismos e seus pertences para as indústrias textis. Especialidade em correinhas e botas para aparato de cardas; correias de couro, atilhos e ganchos para coser correias; cordas de algodão. cordão para fusos e todos os acessórios em couro para teares. Pano riço verde. Cartão para prensa e teares. Cardo vegetal, etc., etc.

Quando terminar a guerra, não esqueça!

L. FARGE, LIMITADA

estará novamente em condições de fornecer-lhe o algo dão indiano que a sua indústria de lanifícios necessite E AGORA, continua à frente da concorrência na venda de **TRAPOS** de tôdas as qualidades e **DESPERDICIOS DE ALGODÃO**, para todos os fins

Consulte sempre a casa que tôda a indústria de lanifícios conhece
L. Fargo, Limitada R. do Freixo, 1291—PORTO
Telef. Urbano 4494 e Estado 197 Telegramas: Egraf

Agentes | Castanheira de Pêra — José Coelho Júnior
Covilhã — António Pereira Pais Espiga

Eduardo Pereira Pinto & Filhos

Fábrica de Acessórios para Fiação e Tecelagem
A maior organização no género no país

Liços metálicos em aço, Grampos de aço temperado, Caxilhos (Perchadas), Malhões e Tirantes, Molas espirais, PENTES, Latas de fibra Vulcanizada para Fiação, Cartões de aço para teares, Romanas, Bobines em madeira, Canelas, Lançadeiras de todos os tipos, Pinos de Madeira, Tempereiros, Pinças, Te-souras de tecelão, Ganchos para coser correias, etc, etc.

PREÇOS CONVIDATIVOS

Esta casa tem sempre para entrega emediata todos os artigos do seu fabrico.

Em Castanheira de Pera queiram dar as vossas encomendas ao nosso Agente: **JOSÉ COELHO JUNIOR**—Telefone 16, o qual tem em depósito os nossos artigos.

Fábrica e Escritório: R. Duque de Saldanha, 150

TELEFONES P. B. X.) Fábrica 1668
) Escritório 1313

Endereço Telegráfico: DORATO

PORTO

Automobilistas!...



Produzir e Poupar

Entregando os vossos pneus à

é ter	Wencedora	
certeza	Castrense	é
de		poupar
produzir		dinheiro
maior número de		pela sua maior
quilómetros		duração

Fábrica de Recauchutagem

Avenida 28 de Maio, 97 • VISEU

Carreira Diária de Passageiros

BOLO—LISBOA

Castanheira de Pêra, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionários:

Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.^{da}
Séde—FIGUEIRÓ DOS VINHOS—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pêra	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pêra	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Coentral	—	17,50
Bolo	5,55	—	Bolo	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras || Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa Auto-Lys R. da Palma-Tel. 21363

Notas Bibliográficas

As solicitações e emboscadas

por Mário Dionísio — Edição da «Atlântida» — Rua Ferreira Borges — Coimbra.

Mário Dionísio é um poeta que trabalha a poesia moderna com perfeição.

Ao lermos o seu livro é indispensável compenetrarmos-nos da espécie de versos que estamos lendo, pois de contrário poderemos cair no erro de não dar o aprêço devido a uma obra que tem mérito. Através dela vê-se claramente que o Autor é uma alma insatisfeita, ávida dum mundo melhor e de uma humanidade com sentimentos mais elevados que a dos nossos dias.

Agradecidos pelas palavras que o ilustre editor nos dirige na dedicatória.

Talia, Euterpe e Terpsicore

por Fernando Lopes Graça — Edição da «Atlântida» — Rua Ferreira Borges, 103-111 — Coimbra.

Teatro, Música e Dança, tal é, em resumo, o conteúdo deste livro. Não é, positivamente, um compêndio de obras teatrais, musicais ou coreográficas, mas sim uma crítica desassombada a muitas dessas obras. O Autor reuniu uma série de crónicas dispersas em vários jornais e, com elas, formou um volume indispensável aos que desejem conhecer ou interpretar os mais variados artistas, em função dos seus trabalhos. Quanto a nós, também bem feito, escrito com tanta mestria e honestidade — e focando este assunto — e o primeiro livro que passa sob os nossos olhos. Por esse motivo o apreciamos e com o maior prazer o recomendamos, certos de que é uma bellissima obra de cultura artística.

Se todos os espectadores tivessem a coragem de condenar ou louvar que Lopes Graça revela, a Arte, em Portugal, seria uma realidade e o Teatro, em especial, não teria descido a um nível tão ordinário como desceu. Mas... nem todos assim são, para mal das coisas espirituais do País. E' pena!

Gratos pela dedicatória do Editor.

Psicologia do dinheiro

por Mário Gonçalves Viana — Edição de Domingos Barreira — Rua da Fábrica, 11 — Porto.

A Biblioteca de Cultura Portuguesa acaba de ser enriquecida com mais um livro de Filosofia, desta vez a «Psicologia do dinheiro». Tal como nos livros anteriores, Mário Gonçalves Viana revela-se-nos um psicólogo de grande envergadura e dá-nos uma magistral lição. O seu vigoroso poder de observação permitiu-lhe escrever, acêrca do dinheiro, as mais curiosas realidades. Neste livro de psicologia vamos encontrar um mundo de concepções tecidas ao redor do «vil metal», todas elas duma objectividade flagrante. Desde o avaro ao pródigo esta obra de Mário Gonçalves Viana encerra toda a gama de temperamentos desejosos ou não de dinheiro. Que espantoso número de verdades éle nos diz!

O ilustre e arguto Autor, como habitualmente, escreve com muita leveza e graça, razão por que o seu trabalho, além de instrutivo, é também recreativo. Algumas histórias e anedotas relacionadas com a matéria não deixam ao leitor mais exigente um momento para se enfadear. Muito ao contrário: a leitura prende porque, na realidade interessa. Recomendamos o livro.

Perfil do Marquês de Pombal

por Camilo Castelo Branco — Edição de Domingos Barreira — Rua da Fábrica, 11 — Porto.

O discutido Primeiro Ministro de D. José volta a ocupar um plano de actualidade com a publicação desta famosa obra de Camilo.

Como é sabido o consagrado autor condena impietosamente o Marquês de Pombal, baseando essa condenação em documentos dignos da maior fé.

Este livro é, verdadeiramente, um dos melhores trabalhos sobre o Primeiro Ministro, Sebastião José de Carvalho e Melo. Descreve com precisão os factos fundamentais que constituem a nódoa indelével do governo pombalino.

“Há aqui qualquer coisa que não funciona bem”

Ex.^{mo} Sr. Director do jornal «O Castanheteiro».

Tomo a ousadia de o importunar com esta carta que muito respeitavelmente lhe peço para ser publicada nas páginas do vosso simpático jornal.

A finalidade desta, é esclarecer alguns pormenores do artigo «Há aqui qualquer coisa que não funciona bem», que o vosso jornal teve a bondade de transcrever fielmente da «República» de 3 de Junho passado. Esses pormenores serão a seu tempo publicados naquele jornal da tarde, visto que a questão vai ser entregue aos tribunais.

Quando meu pai, ainda solteiro, adquiriu um lugar de venda na Praça da Figueira, não contraiu dívida alguma, porque o pagou com o dinheiro ganho durante quatro anos de emigração na América do Norte. Diz minha mãe, na carta por vós transcrita no n.º 288, que casando, a dívida passou a pertencer aos dois.

—Como, se ela não existia?

Diz-se também nessa carta, que por morte do meu pai — o senhor José Domingos Machado — ficara uma dívida de trinta contos, contraída para fazer face às despesas da doença que me fez ficar orfão.

Ficou, sim, uma dívida de trinta mil escudos, mas não devido à doença que prostou meu pai; foi porque se construiu um prédio e se contraiu uma dívida que já estava reduzida aos trinta contos de que se falou, mercê de grandes sacrificios de meu pai.

Diz-se que o único erro de minha mãe, foi pensar em casar depois de tres anos de viúva.

—E' falso!... após oito meses de viuvez li eu, porque o acaso me fez ler, uma carta íntima dum cavelheiro cujo nome não revelarei aqui.

Acredite, senhor director, quão doloroso me é desmentir quem me deu o ser. Faço-o conscio de que nenhum outro objectivo me guia senão aquele a que se chama: desejar justiça.

Diz também minha mãe — a senhora Laura Alves — que eu e minha irmã, a ameaçámos de que a poríamos fora de casa, se lá pretendesse entrar com o que é hoje seu marido.

—Para que deturpar os factos?

Eu e minha irmã, apenas lhe dissemos que não aceitaríamos na casa que foi de meu pai, um outro homem que desejasse ocupar o seu lugar. Não, mil vezes não, não somos crianças a quem se desse um fatito novo e se dissesse:

—Olha este senhor é teu padrinho.

Diz que nos levou pouca coisa. Achará pouco que se levasse um trem de cosinha que meu pai, sempre sentimental, comprara dizendo

que só se estrearia no casamento de minha irmã? Achará pouco que se levasse uma grafonola que meu pai me oferecera quando do meu primeiro exame? Achará pouco, levar uma máquina de costura, deixando uma filha de desanove anos sem ter onde praticar o que tanta falta faz às donas de casa?

Levou-nos tanta outra coisa, deixou-nos sem dinheiro, proibiu-me de trabalhar no lugar de meu pai e tem a coragem de dizer publicamente que nos perdoaria.

—Que nos tem a perdoar?

Quando no dia vinte de Maio — dia em que minha mãe saiu de casa para casar quatro dias depois — eu fui bater à sua porta para a persuadir de que procedia mal, o seu actual marido — aquele que desejava ocupar o lugar de José Domingos Machado — gritou à janela com toda a força dos seus pulmões:

—Chamem a policia!... Está aqui um ladrão à porta!

Poderei esquecer que minha mãe consentiu nisto? Não, enquanto houver em mim um sopro de vida, este acontecimento perdurará na minha memória, gravado a profundos traços.

Reportar-me-hei agora, ao assunto que principalmente desejo abordar.

Diz minha mãe, que quando me pediu para a ajudar no mercado durante a doença de meu pai, eu lhe respondi que não andava a estudar para vender couves e nabos.

—E' falso!

Eu desde garoto que passava todas as horas livres no mercado e, ainda no dia em que meu pai morreu, fui sem desprezo algum, levar o almoço à empregada. Depois da sua morte, fui para a praça durante todo o tempo que minha mãe esteve em casa, tendo de me levantar às cinco e meia da madrugada, para tomar conta dos tais nabos e couves que se diz eu não querer vender.

Todos os contribuintes deste mercado lisboeta sabem ser isto verdade.

Finalmente, diz minha mãe na sua carta que se *há aqui qualquer coisa que não funciona bem* a culpa não é sua.

—Pois de quem é então?

Ninguém me impediu de trabalhar no lugar senão Ela e até os próprios funcionários da Câmara Municipal de Lisboa, me informaram de que poderia governar a minha vida livremente naquele estabelecimento se minha mãe m'o permitisse.

Poderia divagar por outros assuntos — e infelizmente são tantos — mas a carta já vai longa.

Senhor Director, apresento-lhe as minhas desculpas por toda esta maçada e queira aceitar a eterna gratidão de

Herlander Machado

18-8-1945.

Cobrança

Dados os grandes encargos que temos, vimos respeitavelmente apelar para todos os nossos estimados assinantes e muito especialmente aos residentes no estrangeiro e nossas colónias, o favor de liquidarem as suas assinaturas em atraso.

MARCUS

O FIM DE UM CALVÁRIO

Com a derrota, de há muito tornada inevitável, do Japão, terminou o calvário da nossa província ultramarina de Timor.

Timor foi de toda a terra portuguesa, o único rincão onde a guerra foi sentida e experimentada em todos os seus horrores. Graças a uma ocupação brutal e sob todos os aspectos inexplicável os portugueses de Timor sentiram a guerra em toda a sua crueza terrível.

Durante o período de alguns anos, que tão lamentável e triste situação durou, nunca o Governo da Metrópole deixou de impôr o nosso direito, de clamar a nossa razão, de protestar por todos os meios possíveis contra uma situação que feria profundamente não apenas o brio nacional, mas a mais elementar justiça.

Finalmente, terminou o calvário de Timor.

Graças à acção do Governo de Salazar, os japoneses concordaram em restituir a nossa colónia da Oceania, à soberania portuguesa na pessoa do respectivo Governador, até agora mantido sob prisão pelos ocupantes.

Deste modo, mais uma vez ainda, se acentua e afirma o interesse com que, o Governo de Salazar desde sempre se tem ocupado da triste e lamentável questão de Timor, na qual a brutalidade da força logrou impôr-se à razão do direito que desde sempre nos assistiu, de maneira bem clara e inequívoca.

Manuel Brinca

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DOS OLHOS

Rua Ferreira Borges, 162, 2.º

(A PORTAGEM)

Telefones: Consultório 303g
Residência 350g

COIMBRA

Dr. Fernando Lacerda

Director da 1.ª Clínica de Oftalmologia do Dispensário Policlínico Central Ex-Assistente da Faculdade de Medicina (Instituto de Oftalmologia Dr. GAMA PINTO)

Doenças dos Olhos
Operações

Calçada do Carmo, 6, 1.º D. (Rossio)

Telefone 2 2070

Lisboa

Consultas às 17 horas, excepto às 5.ªs feiras

Dr. Albano Coelho

INTERNO DOS HOSPITAIS

Ouvidos, Nariz e Garganta
Operações

Calçada do Carmo, 6, 1.º D. (Rossio)

Telefone 2 2070

LISBOA

Consultas às 17 horas

HENRIQUE LACERDA

ADVOGADO

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

TELEFONE 2

Em Pedrógão Grande:

Às quartas-feiras, a partir de 19 do corrente

Piparotes

1 Continua a estiagem. A água falta. Há contudo felizardos que tem a dita de a encontrar na torneira e lá a vão aproveitando... até para as couves e para os nabos. Outros, os de mais alto, menos felizes... aguardam a sua vez... quando chover.

2 Cá de baixo, foram fazer campismo lá para cima. Não consta que qualquer senhor lobo os tenha ido visitar, mas como não tiveram assistência jornalística, nenhum relatório se publicou.

3 Música e foguetes. Mais uma festinha cá na terra. Mordomos, os do costume... Figurantes, idem, idem, idem...

4 A propósito de música... lemos qualquer coisa no último número que na verdade era um bom contraste...

5 Não há bacalhau... não há raia... não há peixe fresco... não há massa... não há pneus... não haverá camionetes... ficamos no paraíso... haja saúde.

6 Não haverá um senhor funcionário municipal qualquer que veja, fiscalize e providencie para que o centro da vila possa ser mais limpo?

REDACTOR V.

Três ciclistas do Benfica

De passagem por esta vila estiveram cá três ciclistas do Sport Lisboa e Benfica que, tendo partido no passado dia 17, de Lisboa, andaram realizando um «raid» ao Centro e Norte de Portugal, num total de 1.500 quilómetros visitando as filiais do seu clube.

São eles: José Marçal Loureiro, Joaquim Costa e Silva e Fernando Ferreira Belém.

O primeiro foi colega da equipe do grande popular Nicolau.

Os três benfiquistas chegaram a Castanheira de Pera no dia 24, vindos do Pôrto, e pelas 21 horas.

Marçal Loureiro, por se lhe ter avariado a máquina, chegou atrasado cerca de 15 minutos, dos seus colegas. A Direcção do Sport Lisboa e Castanheira de Pera, filial n.º 41, recebeu os ciclistas, que depois de terem tomado «duche» no Hospital de S. José e no fim de jantar foram homenageados com um «Pôrto de Honra» na sede deste Clube, a que também assistiram uma dezena de sócios do mesmo.

Falou, e muito bem, dando as boas vindas, o sr. António Lopes dos Santos, tendo agradecido, depois, o chefe da equipe Marçal Loureiro, que ofertou como lembrança do «raid», um artístico galhardete e uma fotografia dos três corredores benfiquistas. Estes partiram no dia seguinte, pelas 13 horas, visivelmente satisfeitos e profundamente reconhecidos pelo belo, cavalheiresco e desportivo acolhimento que tiveram nesta vila. Até

O Castanheirense

Visado pela Comissão de Censura de Coimbra

ASSINATURAS: Quadrimestre 7\$20 Cobrança pelo correio mais 1\$00	PUBLICA-SE NOS DIAS 1, 10 e 20 DE CADA MÊS	ASSINATURAS Estrangeiro: ano 41\$10 Império Português: ano 33\$60
---------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------

Da Lousã

Linha da Louzã

Atendendo, finalmente, as solicitações da Câmara Municipal, a C. P. poz a circular, nesta Linha, mais um comboio ás quartas, sabados e domingos, saindo de Coimbra de manhã, para chegar à Louzã. ás 8 e 35, conservando a *automotora* ás terças, quartas, quintas, sextas e sabados que sai de Coimbra ás 13,45.

Despovoamento florestal

O pinhal, que constitue uma apreciável riqueza nacional, está a sofrer tratos de polé!

Além do seu grande desbaste quando do violento ciclone de há anos, o pinhal vem suportando, depois disso, maior desbaste; um corte formidável como sucedónio do carvão mineral, cuja importação, por escassez de transportes que a sinistra guerra de 6 anos dificultou.

E' extraordinário o número de carros de bois e de camionetas que diáriamente passam á minha porta (Casal do Espírito Santo) a gemer com o peso de lenha de pinho em cavacas, com destino à estação da C. P. da Louzã e à Fábrica de Papel do Penêdo, não falando em muitos outros transportes que se escoam por outras vias de comunicação.

Torna-se, portanto, preciso repovoar êsses terrenos que ficam feiamente escalvados, oferecendo um aspecto desagradável, ainda que, para isso, a acção do Governor se faça sentir.

Com vista aos coentralenses

Ontem à noite a *Emissora Nacional*, através do nosso receptor-rádio, deu-nos a notícia de que vão chegar a Lisboa grandes quantidades de material, destinado à rede de novas instalações telefónicas.

Será, pois, ocasião oportuna para que a vossa velha aspiração se torne, agora, em facto concreto? Insisti no pedido. «Quem não pede, não ouve Deus».

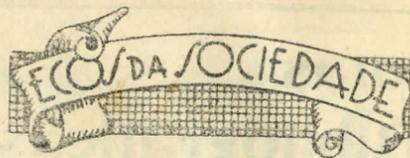
27-VIII-45.

Barata de Mendonça

Alvaro Simões

Visitou a nossa redacção o sr. Alvaro Simões, comerciante, sócio da firma Neto & Simões, em Lisboa, que se encontra no Bôlo, acompanhado de sua esposa e filhos.

ao ramal da Moita foram acompanhados pelos srs. Eduardo Coelho, Sertório Fonseca, Cursino Coutinho, Rui Paulo e António Lopes, tendo passado, porém, pela Gestosa, onde descansaram e tomaram refrescos postos à disposição, gentilmente, pelo sr. Filipe Nogueira, benfiquista de pura gema.



Partidas e chegadas

Em casa de sua família têm estado nesta vila os srs.:

Dr. Aníbal Dias Correia, com sua esposa, advogado em Óbidos e Caldas da Rainha.

—Dr. Eduardo Dias Correia, médico em Lisboa.

—Fernando Henriques Coutinho, empregado no comércio em Lisboa.

—Manuel Tomaz Pinaz, esposa e filha, comerciante em Vizeu.

—Aurélio Henriques Carreira, comerciante em Lisboa.

—Eng.º Horácio Sá Viana Rebelo, com sua esposa e filhos.

—D. Ilda Barata e filho, esposa do nosso amigo sr. Virgílio Barata, comerciante em Lisboa.

—No lugar da Moita tem estado o sr. Alfredo Alves Tomaz e sua esposa, viajante da firma Silva & Cabral, Ld.ª, de Lisboa.

—Na Gestosa, acompanhado de sua mãe e esposa está já há dias o nosso amigo sr. Filipe Augusto H. Nogueira

—De passagem estiveram nesta vila os srs. Dr. Henrique Vaz Lacerda, advogado em Figueiró dos Vinhos, e Diniz Matias, viajante da Papelaria Reis, do Pôrto.

—Da Figueira da Foz, regressaram os srs. Roberto Fernandes de Carvalho com sua esposa e filhos, e Jorge Galamba Marques, tesoureiro da Fazenda Pública.

—De Lisboa, o sr. Filipe Rodrigues da Conceição, guarda-livros da firma Barros Antunes & C.ª

—Para o Porto seguiu o sr. Joaquim Ferreira, industrial de malhas, do lugar de Pêra.

—Para Lisboa, o sr. Aurélio Lopes Antunes, sócio gerente da firma Manuel Lopes Henriques & F.º, Ld.ª.

—Na Gestosa, com sua esposa encontra-se, de visita a sua família, o nosso assinante sr. Abílio Domingues.

Visita à nossa Redacção

Esteve na nossa redacção o sr. Flanklim Domingues, natural da Gestosa e residente em Lisboa, este nosso amigo visitou também as oficinas do nosso jornal.

Gratos pela visita.

Para os nossos pobres

De um anónimo recebemos a importância de 10\$00 com destino aos nossos pobres.

Os nossos agradecimentos.

Alvaro de Oliveira Bastos

Na Póvoa de Varzim está acompanhado de sua esposa e filhos o sr. Alvaro de Oliveira Bastos, sócio gerente da firma L. Farge, Ld.ª, do Pôrto.

Pedrógão Grande

Continua paralizada a carreira de Camionetes, da firma Adelino Pereira Marques, por falta de pneus.

Sendo Pedrógão Grande um centro comercial e agrícola, e não tendo mais alguma carreira que o sirva, seria interessante que quem de direito tomasse as providências necessárias, para que os graves prejuizos que estão a resultar daquela paralisação, venham a ser atenuados.

Carta de Lisboa

Lisboa é sempre nova e alegre. Rodam os anos, vêm as tormentas e volta a felecidade os invernos rigorosos e estios ardentes, mas a simpática Princesa do Tejo olha impavida para tudo isto, e sem canseiras nem grandes ancias, cá vai continuando sempre divertida e cada dia mais nova.

Há sucessivamente novidades para admirar.

Uma modificação nas ruas, um novo filme, a moderna peça de teatro, a artista de rádio que se vai estriar, um encontro entre futebolistas ainda desconhecidos, a raridade nova que entra num museu, a criação de mais um jardim etc. etc., coisas que distraem o espírito do alfacinha estudioso.

Mas a par de um ou outro individuo que se interessa pelo progresso, pela arte ou ciência, há um número muito mais que continua vivendo na ignorancia, chafurdando na mesma lama do vício, perdendo a mocidade, ou melhor entregando-a sem nenhum proveito moral ou físico.

A nossa mocidade, até mesmo a da escolar, desconhece os nossos museus não sabe apreciar um bom trecho de música, nem desejar instruir-se. Enterra-se ao domingo num cinema vendo toda a casta de filmes prejudiciais, enchendo o cerebro de ideias balofas e embrenhando-se na renda do vício. Outras vezes, ficam a tarde esquecida num stádio, gritando, incomodando os outros que vão simplesmente ver dizendo toda a especie de obscenidades, sem decoro por si próprios. Nestes dias de verão, vemo-los nas praias *flistando* estupidamente nunca aproveitando o mar para desportos uteis à saúde.

E com esta assustadora realidade que poderemos desejar destes moços, amanhã?

A ruína completa da sociedade, a queda da civilização num abismo, donde não poderá sair.

E' bom que os rapazes e raparigas, de Lisboa e de toda a parte, pensem nisto e procurem regenerar-se.

Maria da Conceição Nobre

Acontecimento político

Teve um cunho do maior e mais expressivo significado, a sessão solene realizada na Academia das Ciências de Lisboa para celebrar a assinatura do Acôrdo Ortográfico luso-brasileiro.

No discurso a todos os títulos notável que então pronunciou o sr. Prof. Doutor Caeiro da Mata, illustre Ministro da Educação Nacional, afirmou e muito bem que, mais que a solução de um problema linguístico, a unidade da lingua é também e principalmente a solução de um problema político que vem colocar Portugal e Brasil em especiais condições de poderem colaborar o mais intensamente possível na obra de reconstrução do novo mundo que, há-de surgir da guerra demoníaca que há pouco enlutou e ensanguentou povos e nações.